



DACEC - Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação
PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Regional

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 19/02/2021 a 25/02/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
19/02/2021	13,77	424,30	47,55	6,50	5,42
22/02/2021	13,83	423,10	47,90	6,64	5,51
23/02/2021	14,06	426,50	49,26	6,65	5,53
24/02/2021	14,23	428,30	51,14	6,80	5,59
25/02/2021	14,06	424,10	50,96	6,71	5,54
Média	13,99	425,26	49,36	6,66	5,52

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	
RS – Panambi	157,00	
RS – Não Me Toque	157,00	
RS – Londrina	153,00	
PR – Cascavel	153,00	
MT – C.N.Parecis	149,00	
MS – Maracaju	152,00	
GO - Rio Verde	154,00	
BA – L.E.Magalhães	150,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	77,00	CIF
Porto de Paranaguá	83,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	79,00	
SC – Rio do Sul	77,00	
PR – Cascavel	74,00	
PR – Londrina	74,50	
MT – C.N.Parecis	67,00	
MS – Maracaju	72,00	
SP – Itapetininga	84,00	
SP – Campinas	87,00	CIF
GO – Rio Verde	76,00	
GO – Jataí	76,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	78,00	
RS – Não Me Toque	78,00	
PR – Londrina	76,00	
PR – Cascavel	80,00	

Período: 24/02/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 25/02/2021

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	78,93	155,72	76,70

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 25/02/2021

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	86,67
Feijão (saco 60 Kg)	287,50
Sorgo (saco 60 Kg)	50,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,56
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,01**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,21

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Janeiro/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a superar a marca dos US\$ 14,00/bushel, fechando a quinta-feira (25) em US\$ 14,06, após ter atingido a US\$ 14,23/bushel na véspera. Uma semana antes o fechamento para o primeiro mês cotado foi de US\$ 13,75. Nota-se a disparada nos preços do óleo de soja naquela Bolsa, com a libra-peso chegando a 51,14 centavos de dólar no dia 24/02. O atual valor do grão não era visto desde o final de junho de 2014, enquanto o do óleo alcança patamares somente vistos em fevereiro de 2013, portanto, há oito anos.

Dentre os principais motivos deste comportamento, elencamos os seguintes:

- 1) Existe sim uma bolha especulativa importante em torno de diversas commodities, puxada pelos Fundos de Investimento, a qual está alimentada pelos juros baixos na economia internacional e o grande volume de recursos disponibilizados pelos Estados na tentativa de recuperação da economia neste longo período de pandemia da Covid-19;
- 2) Apesar de uma safra recorde na América do Sul e particularmente no Brasil, o atraso na colheita brasileira, devido as secas que atrasaram o plantio, está levando a demanda mundial a continuar buscando soja nos EUA, quando a mesma já deveria ter se direcionado para o subcontinente sul-americano;
- 3) A continuidade da forte demanda chinesa pela oleaginosa e outras commodities.

Entretanto, o quadro geral, em nada ocorrendo de problemas climáticos maiores junto aos produtores de soja do mundo, é destas cotações recuarem ao longo deste ano. Tanto é verdade que para novembro/21 a cotação em Chicago estava em US\$ 12,86/bushel em meados da corrente semana, ou seja, US\$ 1,37/bushel a menos do que cota o atual primeiro mês. Este processo poderá ser visto já com a aceleração da colheita brasileira a partir de agora, seguida pela da Argentina, assim como pelo plantio nos EUA. A questão é esperar em que intensidade poderá vir este movimento baixista, o qual tende a ser apenas moderado. Muito irá depender também dos juros básicos internacionais, especialmente nos EUA. Se os mesmos começarem a subir, tornam os títulos públicos mais interessantes, podendo levar os Fundos a se desfazerem de posições compradas em Chicago.

No que diz respeito ao plantio e futura oferta estadunidense de soja, o Fórum Outlook, promovido pelo USDA na semana passada, projetou área e safra maior, porém, ainda estoques finais apertados para este ano 2021/22.

A produção da oleaginosa poderá chegar a 123,2 milhões de toneladas, contra 112,5 milhões neste último ano, com uma produtividade média de 57 sacos/hectare. Isso decorre de uma área expressivamente maior a ser semeada neste ano. O Fórum apontou a mesma em 36,42 milhões de hectares. Neste caso, o principal indicador virá com a intenção de plantio dos produtores estadunidenses, a qual será divulgada em 31/03 próximo. Mesmo assim, os estoques finais neste próximo ano ficariam em apenas 3,95 milhões de toneladas, contra 3,27 milhões projetados para o último ano. Esta situação dos estoques tende a segurar a baixa das cotações em Chicago, gerando grande volatilidade das mesmas entre maio e início de setembro próximo. Ou

seja, para se terminar o ano nestas condições, e mesmo assim com estoques apertados, tudo deverá correr muito bem neste novo ano agrícola da soja estadunidense.

Quanto às exportações estadunidenses, o Fórum apontou um volume de 59,9 milhões de toneladas, contra 61,2 milhões no atual ano comercial. Já o esmagamento ficaria em 60,2 milhões, contra previsão de 59,9 milhões de toneladas para a atual temporada. Neste contexto geral, a relação estoque/uso da soja nos EUA chegaria a 3,2%, contra 2,6% neste ano, ficando como a terceira mais apertada da história do país. O preço médio esperado para o bushel de soja, neste novo ano comercial, ficaria em US\$ 11,25, portanto, bem cerca de US\$ 3,00/bushel abaixo do que Chicago vem praticando no momento.

Por sua vez, pelo lado da demanda, a China indica que suas indústrias esmagadoras de soja começam a diminuir o ritmo de atividade, pois já não há muita soja disponível para exportação nos EUA e a colheita no Brasil está atrasada. Com isso, os estoques chineses tendem a ser consumidos, podendo levar o país asiático a nova pressão de compras nos próximos meses. Este fator pode também impedir um recuo mais expressivo das cotações em Chicago mais adiante. Para março, os operadores portuários chineses esperam a entrada de 5,5 milhões de toneladas de soja, contra uma média semanal de consumo que vem girando entre 8 e 9 milhões de toneladas. Na atualidade, os preços da soja no mercado interno chinês se aproximam do recorde histórico alcançado em julho de 2008, quando da grande crise econômico-financeira mundial.

Neste sentido, os embarques de soja por parte dos EUA já acumulam, em todo o atual ano comercial, iniciado em setembro/20, um total 70% superior ao registrado no mesmo período do ano anterior, atingindo a 50,9 milhões de toneladas, contra 30 milhões no mesmo período do ano anterior. Do total exportado, 22% foi para a China. Os EUA esperam exportar, em todo o ano comercial atual, um total de 61,2 milhões de toneladas, sendo que deste total 59,9 milhões já estariam negociadas.

Enquanto isso, EUA e China, a partir da posse do presidente estadunidense Joe Biden, em 20 de janeiro, já iniciaram rodadas de negociações comerciais com maior distencionamento. Embora este processo tenda a demorar, os primeiros sinais são positivos para o mercado de commodities.

Já aqui no Brasil os preços estacionaram, porém, em níveis elevados, mesmo com Chicago subindo. O contraponto ficou por conta do câmbio, que manteve o Real um pouco acima de R\$ 5,40 por dólar; do aumento no ritmo da colheita nacional, embora o seu atraso (que já era esperado); e de prêmios negativos em muitos portos nacionais neste momento.

Neste último caso, no porto de Paranaguá, a posição março/21 está com 5 centavos de dólar negativo sobre o preço de Chicago. Nas posições seguintes os valores variam entre 10 e 20 centavos. Em relação a semana passada as baixas nos prêmios giraram entre 33% e 120% naquele porto. Além de a China ter comprado muita soja antecipadamente, há navios esperando para carregar em um contexto de pouca oferta devido ao atraso na colheita. Igualmente começam a aparecer os tradicionais problemas de logística brasileira, fato que tira valor de nossos produtos.

Segundo a corretora Agrinvest, apenas 2,9 milhões de toneladas haviam sido embarcadas até o dia 19/02 em Paranaguá, contra 5 milhões no mesmo período de 2020. Para a China foram 2 milhões de toneladas, contra 3,6 milhões no ano passado.

Por sua vez, o Cepea destaca que "...muitos sojicultores têm pressa em colher a oleaginosa, com o objetivo de conseguir cumprir os contratos. Tradings, por sua vez, estão atentas ao recebimento da soja contratada dentro do prazo – atrasos nas entregas podem limitar os embarques e resultar em multas nos carregamentos portuários. Com isso, a logística para março já está comprometida, e grande parte dos agentes mostra interesse em negociar a soja com entrega apenas a partir do segundo trimestre deste ano". Desta forma, novos negócios no mercado brasileiro, por enquanto, estão raros.

Por outro lado, quanto à colheita da soja brasileira, a mesma teria chegado a apenas 15% da área semeada até o dia 18/02. É a colheita mais lenta dos últimos 10 anos segundo a AgRural. No ano passado, nesta época, a colheita chegava a 31% da área. E agora são as chuvas que atrasam a colheita no Centro-Oeste. Mas a tendência é de a mesma se intensificar a partir de agora no país, gerando ainda mais problemas logísticos.

Com isso, o milho safrinha continua com seu plantio atrasado nestas regiões. O mesmo teria chegado a 24% até o dia 18/02, contra 51% no mesmo período do ano passado.

Em termos de volume a ser colhido na atual safra, o mesmo pode ser maior do que o esperado. Enquanto alguns analistas apontam 131 milhões de toneladas, outros, inclusive estrangeiros, indicam 134 milhões de toneladas.

Um ponto importante a ser destacado é que, diante da forte alta dos preços em Chicago, e da manutenção de um Real ainda muito desvalorizado, os preços da soja brasileira estão mais baratos do que os da soja dos EUA, devendo atrair rapidamente compras chinesas, o que deve melhorar os prêmios futuros em nossos portos e, com isso, favorecer os preços internos da oleaginosa.

Em paralelo, o mercado interno em alguns Estados brasileiros já está pagando melhor do que a exportação, pois a tendência é de um novo recorde nacional de trituração de soja em 2021, pois os preços do farelo e do óleo de soja estão muito elevados diante da forte demanda existente.

Em termos específicos, a colheita da soja no Mato Grosso chegou a 34,5% da área nesta semana, porém, mantendo o atraso em relação aos anos passados. O atraso em relação a safra anterior está em 39 pontos percentuais, e considerando a média histórica para esta época, a colheita deveria estar em 58% da área, ou seja, está 23,5 pontos percentuais atrasada.

Já no Paraná, a colheita da soja chega a 5% da área, contra 30% colhido na mesma época do ano passado. Espera-se uma safra total de 20,4 milhões de toneladas no Paraná (cf. Deral), com a mesma ficando muito próxima do que se espera para o Rio Grande do Sul neste ano.

No que tange as exportações, as mesmas deverão ficar entre 5 e 6 milhões de toneladas em fevereiro, contra uma expectativa inicial de 6 a 8 milhões de toneladas. Esta redução se dá justamente devido ao lento ritmo de colheita que o país vem vivendo neste ano. (cf. Anec) Em fevereiro do ano passado as exportações atingiram a 6,6 milhões de toneladas.

Em termos de preços, a média gaúcha no balcão fechou esta semana em R\$ 155,72/saco, contra R\$ 78,83 um ano antes. Portanto, o atual preço médio está 97,5% acima do praticado um ano antes. É evidente, portanto, que nosso mercado está em uma situação atípica. Outro elemento interessante é que, em relação a Chicago, convertendo o bushel de soja para saco de 60 quilos, o preço médio gaúcho hoje está 8,4% menor, contra pouco mais de 7% no ano passado. Porém, em 2014, quando as cotações em Chicago estavam semelhantes as atuais, esta diferença de preço atingia a 9,8%. Ou seja, em relação ao movimento de preços em Chicago, o preço gaúcho da soja apresenta um aumento menor do que o do ano passado nesta época, porém, maior do que o registrado em fevereiro de 2014.

Também vale destacar que a comercialização da safra 2020, apesar de os preços terem subido muito a partir do segundo semestre, apresentou uma média geral bem menor, pois muitos produtores venderam boa parte da safra antecipadamente e/ou ainda no primeiro semestre. Em 2021 este quadro deverá mudar bastante já que as vendas futuras foram a preços bem mais elevados e próximos dos atuais, e a comercialização durante a colheita, se dará em torno de preços que podem estar perto dos máximos para o ano.

Enfim, a título de comparação, no Mato Grosso do Sul, os produtores locais comercializaram mais de 30% da safra de 2020 com preços abaixo de R\$ 85,00/saco, enquanto em 2021 cerca de 61% da atual safra já teria sido comercializada, com o preço médio geral ficando em R\$ 98,77/saco até o momento.

MERCADO DO MILHO

Ao contrário da soja, as cotações do milho em Chicago oscilaram pouco nesta semana. O primeiro mês cotado fechou esta quinta-feira (25) em US\$ 5,54/bushel, contra US\$ 5,50 uma semana antes.

Segundo o Fórum Outlook, ocorrido na semana passada, a colheita de milho na futura safra estadunidense deverá atingir a 384,4 milhões de toneladas, contra 360,2 milhões neste último ano. A produtividade média ficaria em 187,8 milhões de sacos/hectare, contra 179,9 sacos na última safra. A área semeada deverá atingir a 37,2 milhões de hectares. No entanto, assim como no caso da soja, será o relatório de intenção de plantio, do dia 31/03, que dará uma definição para esta questão da área. Já as projeções de estoques finais de milho nos EUA, para 2021/22, chegam a 39,4 milhões de toneladas, ficando um pouco acima das 38,2 milhões de toneladas do corrente ano. Quanto as exportações estadunidenses, as mesmas devem atingir a 67,3 milhões de toneladas, sendo a China um grande comprador mais uma vez. No atual ano comercial 2020/21 as exportações totais dos EUA, em milho, devem atingir 66 milhões de toneladas.

Em tal contexto, a relação estoques/consumo de milho fica em 10,3%, repetindo o que ocorreu na atual safra. Já o preço médio esperado aos produtores estadunidenses do cereal chegaria a US\$ 4,20/bushel, contra US\$ 4,30 no atual ano comercial.

Em termos da realidade atual, os embarques de milho têm sido expressivos em relação ao ano anterior. Na semana anterior os mesmos atingiram, nos EUA, um total de 1,23 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Com isso, o acumulado deste atual ano comercial 2020/21 alcança 24 milhões de toneladas, ou seja, 80% acima do que foi registrado na mesma época do ano anterior. Talvez tais exportações aumentem ainda um pouco mais seu ritmo nas próximas semanas, pois as compras chinesas se mantêm fortes, especialmente agora que as tensões comerciais entre EUA e China tendem a diminuir. Somente no início de fevereiro, em quatro dias úteis, a China comprou 6 milhões de toneladas de milho dos EUA.

Já na Argentina, o plantio da safra de verão de milho estando encerrado, as chuvas têm auxiliado ao bom desenvolvimento da planta, após os prejuízos provocados na primavera, devido a seca, e que atingiram boa parte do plantio inicial.

E no Brasil, os preços do cereal continuam elevados, porém, cederam um pouco durante esta semana em algumas praças. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 78,93/saco, contra R\$ 44,00 um ano antes. Nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 67,00 em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 84,00/saco em Itapetininga (SP). Já na B3, o pregão da quinta-feira (25/02) apontava o vencimento março/21 com valor em R\$ 88,25/saco; maio em R\$ 88,17; julho em R\$ 83,20; e setembro em R\$ 79,85/saco.

Dito isso, no Rio Grande do Sul a colheita do milho de verão chegava a 42% da área na semana anterior, contra 37% na média histórica. O retorno das chuvas em janeiro e fevereiro tem ajudado bastante as lavouras semeadas mais no tarde, já que as do cedo sofreram fortemente com a seca da primavera. A preocupação está agora com o ataque da cigarrinha na maioria das regiões. (cf. Emater)

Já no Mato Grosso do Sul, segundo a Famasul, o plantio da safrinha de milho atingia a 8,9% da área no dia 19/02, contra a média histórica de 34,1% nesta época. Espera-se que este plantio avance mais rapidamente a partir da segunda metade de fevereiro graças a um clima mais favorável. A área final a ser semeada com a segunda safra de milho deve aumentar 5,7%, atingindo 2 milhões de hectares. A janela ideal de plantio da safrinha, naquele Estado, vai até o dia 10/03. Em meados deste mês de fevereiro, o preço médio do milho no MS era de R\$ 72,63/saco, contra R\$ 41,50 um ano antes.

Por sua vez, no Mato Grosso, segundo o Imea, o plantio da safrinha atingia a 36% da área esperada, contra 80% na mesma época da safra anterior. Apesar do ótimo avanço neste plantio, na semana, o mesmo está muito distante do ocorrido no ano passado. O custo de produção variável, nesta safra, subiu 12,05% segundo o Instituto. Assim, para cobrir seu custo médio operacional o produtor mato-grossense precisa de um preço médio de apenas R\$ 22,43/saco. Como se vê, os atuais preços estão pagando largamente este custo variável, já que os preços atuais, no Estado, estão girando ao redor de R\$ 67,00/saco tomando Campo Novo do Parecis como referência. Resta verificar a que preço a safrinha de 2021 será comercializada quando da colheita em julho.

Em paralelo, no Paraná, o Deral informou que 34% da safra de verão de milho estavam colhidos, sendo que 71% das lavouras restantes apresentavam boas condições. Em relação à safrinha, o plantio atingia a 11% da área esperada.

Enfim, quanto as exportações de milho, a Secex indicou que nos primeiros 13 dias úteis de fevereiro o Brasil escoou ao exterior 753.104 toneladas. Até este momento o país já exportou 121,3% a mais do que o total exportado em fevereiro de 2020. Com isso, a média diária de embarques fica 206,5% acima da registrada em fevereiro do ano passado, embora esteja 54,5% abaixo do registrado em janeiro de 2021. O preço da tonelada exportada ficou em US\$ 204,10 neste mês de fevereiro. Se o país mantiver o atual ritmo de vendas externas, o mês de fevereiro poderá terminar com um total de 1,04 milhão de toneladas exportadas.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram bem nesta semana, passando de US\$ 6,62/bushel uma semana atrás, para US\$ 6,71/bushel nesta quinta-feira (25), após o primeiro mês cotado ter atingido a US\$ 6,80 na véspera.

Estas constantes altas de preço estão ligadas ao cenário futuro apertado de oferta interna nos EUA. Segundo o Fórum Outlook, ocorrido na semana passada, a produção total naquele país, para este ano, está prevista em 49,7 milhões de toneladas, ficando igual ao colhido no atual ano comercial. Mesmo com a área semeada aumentando, a produtividade média, diante dos problemas climáticos que têm ocorrido, deverá cair um pouco, ficando em 55,03 sacos/hectare. Com isso, os estoques finais de trigo, para o ano 2021/22, recuariam para 19 milhões de toneladas, contra 22,8 milhões no atual ano comercial. Já as exportações do cereal, por parte dos EUA, diminuiriam para 25,2 milhões de toneladas, contra 26,8 milhões nesta última safra. Enfim, o Fórum indicou que a relação estoques/uso do trigo ficaria em 33,3%, contra 39,1% um ano antes. O preço médio ao produtor estadunidense chegaria a US\$ 5,50/bushel, contra a média esperada de US\$ 5,00 para o atual ano comercial.

Quanto as exportações semanais estadunidenses, na semana encerrada em 11 de fevereiro o total alcançou 399.100 toneladas, com recuo de 18% sobre a média das quatro semanas anteriores. Já para o ano 2021/22 o total atingiu a 214.400 toneladas. Os dois anos somando 613.500 toneladas exportadas, ficando dentro das expectativas do mercado. Já na semana seguinte, a que encerrou em 18 de fevereiro, as exportações ficaram em apenas 167.700 toneladas, sendo 67% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Já para o ano 2021/22, tais vendas atingiram somente 14.800 toneladas. Somando os dois anos o volume atingiu tão somente 182.500 toneladas, ficando abaixo das expectativas do mercado.

No Brasil, os preços do trigo se mantêm firmes, com a média gaúcha fechando a última semana de fevereiro em R\$ 76,70/saco, contra R\$ 44,36 um ano antes. No Paraná, o preço do cereal teve uma variação maior nesta semana, oscilando entre R\$ 76,00 e R\$ 80,00/saco.

No Paraná, o produto local não foi exportado em janeiro, se direcionando especialmente para os moinhos do próprio Estado e para São Paulo. Mesmo assim, o

Brasil exportou 408.700 toneladas em janeiro, especialmente de trigo gaúcho. Somando o que foi exportado em dezembro passado, o total nacional chega a 663.000 toneladas, ou seja, quase a totalidade que a Conab estima ser exportado até julho próximo (700.000 toneladas). Ora, se as exportações forem acima deste número, e diante de uma safra frustrada mais uma vez, a tendência será um aumento nos preços internos do trigo e de seus derivados ao consumidor final. Este movimento dependerá, obviamente, do volume de importações que o país venha ainda a fazer. Entretanto, entre agosto/20 (início do atual ano comercial) e janeiro/21 as importações nacionais de trigo diminuíram, atingindo um total de 2,8 milhões de toneladas, contra 3,3 milhões no mesmo período do ano anterior. Ou seja, um recuo de 16%.

Enfim, em termos conjunturais as negociações de trigo no Brasil continuam em ritmo lento, com preços firmes. (cf. Cepea) Enquanto os vendedores esperam novas altas nos preços, na medida em que a entressafra avança, os moinhos igualmente estão pouco presentes na ponta compradora. Os mesmos tentam negociar o produto nacional a preços menores do que os atualmente registrados, porém, sem sucesso aparente. No mercado de balcão existe pequeno volume disponível nas cooperativas, enquanto no mercado de lotes, a manutenção de um Real bem desvalorizado (acima de R\$ 5,40 na semana), assim como a forte elevação das cotações externas, acabam dando suporte aos preços internos do trigo no Brasil.